



Erotismo ou Pornografia? Análise de um ensaio fotográfico da Revista TPM¹

Ana Lúcia PITTA²
Profa.Dra. Cláudia Regina LAHNI³

RESUMO

Ao analisar um ensaio fotográfico de nu veiculado na revista *TPM*, direcionada ao público feminino, iremos investigar se as fotos podem ser associadas ao que comumente se classifica como uma estética erótica, ou, ainda, se tais fotos se aproximam de uma estética ligada à pornografia. Para empreender a análise crítica das fotos em questão, nos basearemos numa leitura feminista das representações sexuais.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Especializada; Revista Feminina; Relações de Gênero; TPM; Erotismo e Pornografia

1 - Introdução

Apesar da grande profusão de estudos que analisam o erótico e o pornográfico, pode-se afirmar que ainda não foi estabelecida, e talvez nunca será alcançada uma constatação inflexível acerca da real diferenciação entre ambos, já que é praticamente impossível demarcar um ponto que defina onde termina o erotismo e começa a pornografia, e vice e versa. A classificação, entre o que será erótico (mais aceito) e o que será pornográfico (mais condenado), é mutável e baseada, portanto, em um contexto histórico-social, e o que é pornográfico para uma época pode passar a ser considerado erótico em outra, por exemplo.

Em verdade, apesar da fluidez dessa demarcação, é inegável que determinados elementos são comumente associados à pornografia, e outros, ao erotismo. Ao pornográfico, relegam-se as imagens cruas, os órgãos genitais em primeiro plano, a luz direta. Ao campo do erótico, outorgam-se características como imagens em preto em branco, insinuações ao invés de imagens de órgão genitais ou relações sexuais

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Estudante de graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social na Universidade Federal de Juiz de Fora, Email: analuciapitta1@gmail.com

³ Orientadora do trabalho, Cláudia Regina Lahni é professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutora em Ciências da Comunicação pela USP, faz pós-doutorado em Comunicação na UERJ.



propriamente ditas, um apelo ao desejo de maneira mais leve. A partir desses elementos, costuma-se associar a pornografia ao gosto masculino, e o erotismo, ao gosto feminino.

Nesse estudo, analisaremos um ensaio fotográfico veiculado na edição especial sobre nudez, de uma revista destinada ao público feminino, a *TPM*. A partir das fotos nossa intenção não será, pois, a de buscar traçar uma definição precisa acerca do erótico e do pornográfico, mas sim, contribuir com o estudo dessa confluência de campos, procurando elencar quais características são majoritárias nas fotos: se são aquelas relacionadas ao erotismo, ou a pornografia para, num segundo momento, a partir de uma análise calcada em autoras que discutem relações de gênero, buscarmos uma possível explicação para a preponderância de um campo sobre o outro.

Para empreender tal análise, faz-se necessário, de antemão, traçar um panorama acerca de tentativas de conceituação do campo do pornográfico e do erótico. Vamos nos basear nas obras “O Erotismo”, de Francesco Alberoni, “Pensar a Pornografia”, de Ruwen Ogien, e “No limite do erotismo e da pornografia”, de Rômulo Oliveira Cunha, para empreender essa breve explanação inicial. Também será necessário nos atentarmos para o jornalismo de revista e as especificidades desse fazer jornalístico. Para tanto, nos basearemos no estudo “Sobre o Jornalismo de Revista e seu Infinito Singular”, de Frederico de Mello Brandão Tavares. Por fim, para analisarmos as características percebidas no ensaio fotográfico sob um ponto de vista feminista e que trate das relações de gênero vigentes na contemporaneidade, nos valeremos da obra “Feminismo: que história é essa?”, de Daniela Auad.

2 - A linha, ora tênue, ora rígida, entre Erotismo e Pornografia

É inegável o fato de que determinadas representações, quer sejam de corpos humanos, quer sejam de determinados objetos ou peças do vestuário, causem, para muito além de um deleite pessoal, discussões acerca da moral e do status quo vigente em determinada época. Ou seja, o estudo daquilo que é considerado erótico e/ou pornográfico ultrapassa a questão, importante, porém não exclusiva, dos fetiches e da sexualidade humana. Discutir erotismo e pornografia implica em discutir a história de determinada sociedade.

Sendo, portanto, uma importante chave de leitura para a história de determinado tempo, as representações sexuais são, também, importantíssimas fontes de leitura das relações entre aqueles que detêm o poder e as minorias. Segundo Ogien (2006), as representações da sexualidade detinham uma função essencialmente política, de ironizar



padres, inimigos políticos e líderes, do período que vai da Idade Média até finais do século XVIII. A partir do início do século XIX, tais representações passam a ser utilizadas com o objetivo principal de estimulação sexual de seus consumidores e consumidoras. Mesmo com essa nova função, as obras ditas eróticas e ou pornográficas, ainda estavam restritas às elites. Foi apenas em meados do século XIX, quando o grande público começou a ter acesso a essas representações, que teve início o rigor moral e a preocupação com tais obras.

A partir da popularização de obras que continham representações sexuais, começou-se a classificar, e a julgar, as diferentes formas de expressar essas representações, com cada época tendo sua própria classificação daquilo que vai ser considerado erótico e aquilo que será visto como pornografia. Por isso mesmo, não é incorreto afirmar que a pornografia de hoje poderá ser o erotismo de amanhã, já que conforme vão surgindo novas formas de expressar a sexualidade, o que antes era perseguido vai sendo absolvido e normalizado. Isso aconteceu com a literatura e a chegada dos filmes pornô, e acontece agora com esses “antigos” filmes pornográficos e os contemporâneos filmes de sexo explícito encontrados na internet, muito mais “agressivos” que os anteriores.

Entretanto, mesmo que com o passar do tempo se modifiquem os critérios que irão definir o que será considerado erótico, e mais aceitável, e aquilo que será considerado pornográfico, e mais condenável, a própria noção de menor valia da pornografia em detrimento do erotismo permanece. Segundo Chaia (1992), enquanto o erótico tem um respaldo maior da sociedade, a pornografia ainda é encarada como algo menos nobre.

O fato é que uma das distinções mais corriqueiras que se faz entre os fenômenos “erotismo” e “pornografia” refere-se ao teor “nobre” e “grandioso” do primeiro em oposição ao caráter “grosseiro” e “vulgar” do segundo. (...) o fato de ele [o erotismo] não se vincular diretamente à sexualidade, enquanto a pornografia exhibe e explora incansavelmente esse aspecto. Portanto, a pornografia está para o sexo explícito assim como o erotismo está para o sexo implícito. (CHAIA, 1992, p. 12)

O julgamento moral entre o erótico e o pornô é exercido de maneira rígida; entretanto, ao compararmos uma obra erótica e uma pornográfica não percebemos que existe uma essência que sirva para classificar e distinguir, de maneira tão destoante, as duas manifestações. Em consonância com o pensamento de Ogien (2005), acreditamos que as diferenças que separam, de fato, erotismo e pornografia, estão presentes no campo da estética, e não da moral, já que a base sobre a qual se fundam é a mesma. “As



diferenças entre o que se chama de pornografia, e se condena, e o que se chama de erotismo, e se absolve, são puramente estéticas, de luz ou sombra, de um pênis ereto ou desfocado, não há uma diferença moral.” (OGIEN, 2005, p. 25).

2.1 – Pornografia e Erotismo a partir de construções de gênero

Assim como acontece o julgamento do erotismo como mais leve e aceitável, e da pornografia como mais agressiva e de mau gosto, também perdura a correlação que une mulheres e erotismo, e homens com a pornografia, em uma sociedade ainda marcada pela opressão das mulheres e pelo patriarcalismo⁴. Segundo Alberoni (1988), nessa sociedade, o erotismo, que esconde mais do que revela, insinuando ao invés de mostrar, atrai as mulheres, enquanto a pornografia, que é satisfação rápida dos desejos, com primeiros planos de órgãos genitais, e que mostra sem deixar dúvidas, está ligada às preferências masculinas – o que, certamente, são construções culturais de preferências.

A idéia por trás dessa ligação é a mesma que perpetua a noção de que as mulheres não dão a mesma importância que os homens para o sexo e estão, pois, mais propensas a conseguirem controlar seus desejos, e foi construída ao longo de séculos de história. De acordo com Auad (2003), a partir do período Neolítico (7000 a.C), os homens se atentaram para o fato de que também tinham participação na reprodução, e passaram a encarar as mulheres como propriedade, assim como viam a terra e os animais. A partir desse momento tem início o controle da sexualidade feminina, a obrigatoriedade da monogamia, e a mulher vai sendo, cada vez mais, cerceada ao âmbito doméstico. Ou seja, características como a maneira de lidar com a expressão da sexualidade, por exemplo, não são naturalmente femininas, e sim, construções que foram e que seguem sendo reforçadas.

Mulheres e homens, antes mesmo antes de nascer, já possuem papéis reservados para si, ditados única e exclusivamente a partir da biologia. A conceituação desses papéis surge com a segunda onda feminista⁵, que procurava entender, lançando mão de

⁴ De acordo com Daniela Auad (2003), a emergência do conceito de patriarcado possibilitou que ficasse perceptível que as mulheres são dominadas e exploradas. Salientando que este é um conceito controverso, a autora define o patriarcado como sendo “um conjunto de relações hierárquicas entre homens e mulheres, homens e mulheres, homens e mulheres, que se caracterizam pela opressão das mulheres.” (AUAD, 2003, p. 54)

⁵ Como explica Auad (2003), apesar de ser muito antiga a história da luta das mulheres, nem sempre os grupos organizados estiveram integrados no que se pode chamar de movimento feminista. Para compreensão da história do feminismo, costuma-se dividir esse movimento em períodos históricos também conhecidos como ondas. A primeira onda do movimento feminista é marcada pela luta do direito do voto feminino, além da publicação do livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, em 1949. Já a



teorias, a condição da mulher na sociedade. E é a partir dos estudos desse período que emerge o conceito de gênero (Auad, 2003).

Gênero não é apenas sinônimo de sexo, masculino ou feminino. Gênero também é o conjunto de expressões daquilo que se pensa sobre masculino e o feminino. Ou seja, a sociedade constrói longamente, durante séculos de sua história, significados, símbolos e características para interpretar cada um dos sexos. A essa construção social dá-se o nome de “relações de gênero”. Por causa do modo como as pessoas percebem os gêneros masculino e feminino na sociedade é que se espera uma série de coisas tanto dos homens quanto das mulheres. (AUAD, 2003, p. 57)

Em verdade, a divisão que prega que as mulheres apreciam somente aquilo que pode ser classificado como erótico, por ser mais leve, mais delicado, menos carnal e mais ligado à imaginação, enquanto apenas os homens se comprazem com aquilo que é pornográfico e, portanto, mais agressivo, direto, não está baseada em aspectos biológicos que naturalmente conduzem cada sexo para cada comportamento, mas está baseada sob construções de gênero, que foram construídas ao longo de séculos.

3 - A Trip Para Mulheres

O embrião das revistas que conhecemos hoje surgiu no século XIX, ainda como uma mescla entre literatura e jornalismo impresso. No Brasil, a primeira revista que alcançou âmbito nacional foi a publicação *O Cruzeiro*, fundada por Assis Chateaubriand, em 1928. Atualmente, de acordo com Goulart (2006), algumas características podem ser elencadas ao se tratar do jornalismo de revista:

A variedade – muitos assuntos para fisgar o leitor e passar a sensação de janela do mundo; a especialização – centrada num determinado universo de expectativas, visto que conhece seu leitor; visão de mercado – por conhecer seu público, apresenta um produto de olho nos nichos de mercado; texto- o público é curioso, escolhe a revista, logo, se importa com o texto; imagem – o leitor é seduzido com apelo visual, com o bom fotojornalismo. Texto e imagem, traduzidos em matéria bem escrita e apresentação visual interessante são as bases da revista. (GOULART, 2006)

Dentre as características do jornalismo de revista, a especialização é prontamente perceptível no cenário nacional. Cada vez mais surgem novas revistas, segmentadas para novos públicos. Segundo Tavares (2012), tal segmentação, além de estar relacionada ao próprio desenvolvimento da revista enquanto meio de comunicação

segunda onda feminista emerge nos anos sessenta, com a publicação de *A mística feminina*, de Betty Friedmam. Nesse período, o feminismo se une a outros movimentos que lutam por direitos sociais, com o movimento operário e estudantil (Auad, 2003).



que já nasceu precisando concorrer com outras fontes de informação como os jornais impressos, tem relação com a administração da maioria das grandes revistas brasileiras por grandes empresas.

O ensaio fotográfico que será nosso objeto de análise está veiculado em uma das muitas revistas femininas impressas no Brasil, a *TPM*, na edição de número 128, do décimo segundo ano da publicação, do mês de fevereiro de 2013. A revista é mensal, distribuída nacionalmente, e sua tiragem é de 50 mil exemplares. Seu público engloba, majoritariamente, mulheres oriundas das classes A e B, que formam 81% do conjunto de leitoras da revista. A faixa etária que vai dos 18 aos 24 anos tem a maior fatia de consumidoras, com 46% das leitoras (24% têm entre 25 e 34 anos, e 20% estão na faixa que engloba dos 35 aos 44 anos).

O grau de escolaridade das leitoras oscila entre aquelas que já se graduaram e aquelas que ainda estão cursando uma universidade: 28% e 26%, respectivamente (TRIP EDITORA, 2013). A Editora responsável pela publicação apresenta, em sua página na internet, a definição das pessoas que consomem a *TPM*. “Quem lê a *TPM*? Gente especial, refratária à mídia, que pensa, cabeça aberta para o novo. Um grupo que forma e deforma opinião.” (TRIP EDITORA, 2013).

A revista, lançada em 2001, é uma versão da publicação *Trip*, da mesma editora, direcionada ao público masculino. A *TPM*, ou Trip Para Mulheres, apresenta-se como uma revista que rompe com os estereótipos que pululam entre as revistas femininas, principalmente em relação a temas como sexualidade, independência e padrões de beleza. A base desse rompimento está no chamado *Manifesto TPM*, texto que está disponível no site da revista e na página da *TPM* no *facebook*. Assinado por Fernando Luna, diretor editorial da revista, o texto defende que a revista não irá tratar de temas como fórmulas milagrosas para emagrecer, ou dicas certeiras para que uma mulher encontre um parceiro ideal, por acreditar que esses temas, tão comuns nas publicações destinadas às mulheres, reduzem as mulheres a estereótipos e são exemplos de propaganda enganosa (LUNA, 2013). O texto fala diretamente às consumidoras da revista.

Contra os novos clichês femininos e os velhos estereótipos, que cismam em se reinventar desde os tempos de nossas avós (aliás, devidamente homenageadas nas fotos do manifesto). Contra qualquer tentativa de enquadrar a mulher em um padrão, cercar seu desejo e diminuir suas possibilidades. Essas ideias dão o tom a uma série de eventos, ações e reportagens pelas próximas edições. Se liberdade é ser a mulher que você quer ser, diz aí: você é livre? (LUNA, 2013).



A revista apresenta edições temáticas, e já foram abordados temas como a sexualidade e a velhice, por exemplo. O tema define a ilustração ou foto da capa, e também grande parte das reportagens que serão publicadas. As principais seções da revista, que sempre estão presentes, são: *Páginas Vermelhas*, *Badulaque*, e as colunas com textos opinativos. As *Páginas Vermelhas* formam uma seção de longas entrevistas com homens ou mulheres, que se relacionam, ou são referência no tema da revista do mês. Por exemplo, na edição de setembro de 2012, sobre sexualidade, a entrevistada foi a psicanalista Regina Navarro Lins, que publicou diversos livros sobre amor, sexo e as relações conjugais, e na edição que será analisada neste estudo, sobre nudez, o entrevistado, nas *Páginas Vermelhas*, foi o fotógrafo de nu J.R. Duran.

A *Badulaque* apresenta temas que estão sendo muito focados pela mídia e que a revista irá analisar de maneira irônica, ou se recusará em repercutir, como a *Não entrevista do mês*, onde a revista explica porque não irá entrevistar determinada pessoa ou irá noticiar determinado assunto. As colunas opinativas são assinadas pela jornalista Milly Lacombe, que escreve a *Coluna do Meio*, e pela psicóloga e deputada federal Mara Gabrilli, que assina a *Para Fechar*. Os outros temas que integram a revista são reportagens sobre variedades como beleza, moda, design e casa.

4 - Um homem nu, para um público de mulheres, erótico ou pornográfico?

Acreditamos que a fotografia não é uma amostra especular de determinada realidade, pessoa ou objeto retratado, já que a partir do momento em que a objetiva é acionada, aquele que está fotografando já fez uma série de escolhas, sempre arbitrárias, baseadas naquilo que se pretende representar, contestar, esconder, mostrar, com aquela foto. Para muito além do sentido denotativo, é a conotação impressa nas fotos, que diz muito sobre o fotógrafo ou fotógrafa, sobre a época na qual a foto foi feita, dentre muitos outros fatores. De acordo com Botti (2003), a fotografia é, antes de tudo, uma intenção, um recorte de forma alguma neutro ou inocente de uma realidade. Entretanto, é importante ressaltar que a autora afirma, ainda, que se as fotografias são passíveis de leitura e análise, não existe somente uma explicação chave para determinada fotografia, uma verdade a ser encontrada, mas sim, diversos olhares possíveis acerca de uma obra. A análise que empreenderemos deverá ser vista, pois, como uma das múltiplas possibilidades de leitura que um ensaio fotográfico oferece (BOTTI, 2003).

As fotos aqui analisadas foram publicadas na edição especial sobre Nudez, da revista TPM, que trazia a atriz Luana Piovanni na capa. A atriz estava sem roupas e



segurava duas tarjas pretas, uma na altura dos seios, outra na altura da vagina, com os dizeres: propriedade particular. Das sete chamadas de reportagem presentes na capa, apenas duas não tratavam especificamente de nudez: uma delas chamava a atenção para uma reportagem de moda, sobre o carnaval, e a outra, atentava para uma entrevista com um ator de filmes pornográficos. O ensaio fotográfico analisado neste estudo, com o cantor Otto, teve sua chamada na capa da revista, com os dizeres: O Homem Nu – O cantor Otto tira tudo e se desmancha.

O ensaio ocupou seis páginas da revista e foi composto por sete fotos. Dessas, quatro foram de página inteira, todas em preto e branco. As três fotografias menores, uma delas colorida em tom sépia, dividiram a mesma página. Em nenhuma das fotos o pênis do cantor é exibido. Em três fotos Otto aparece de cueca; em duas, clicado apenas da cintura para cima, sem camisa e vestindo uma calça; e em outras duas, sem roupa e com a mão cobrindo totalmente os órgãos genitais.

O cenário é sóbrio: apenas podemos ver uma parede lisa, o chão de taco, e azulejos. Nas fotos em preto e branco, a claridade da parede e dos azulejos contrasta com a cor dos cabelos e, principalmente, com as tatuagens do cantor, que foram bastante demarcadas no processo de edição do ensaio. Outro fator que vale ser ressaltado refere-se à expressão de Otto. Com exceção de apenas uma foto, na qual o cantor aparece de perfil, Otto encara fixa e diretamente a leitora que está com a revista em mãos, observando o ensaio. Pode-se afirmar que é o olhar do cantor, e não o corpo de Otto em si, o grande protagonista do ensaio.

A partir das diferenças visuais que geralmente servem para distinguir o erótico do pornográfico, acredita-se que o ensaio com Otto aproxima-se muito mais de uma estética erótica, já que, mesmo que a revista tenha anunciado que o cantor “tirou tudo”, as fotos insinuam muito mais do que mostram, já que em apenas duas, das sete fotos, ele aparece realmente sem roupas, e mesmo assim, com os órgãos genitais cobertos. O uso da imagem em preto e branco também aproxima o ensaio de uma estética erótica que ao fugir da nudez crua e direta, da cor da pele das pessoas, ganha contornos de imaginação ao valer-se de jogos de luz e sombras e filtros como o sépia e o preto e branco, em questão, que mais sugerem do que revelam.

O erotismo que pontua o ensaio com Otto enquadra-se na definição de erotismo “para mulheres”, descrita por Alberoni (1988). Segundo o autor, enquanto as mulheres são mais sensíveis a sons, ritmo e ao contato, o erotismo destinado a elas deve estar calcado nos detalhes, na pele, nos cabelos, no olhar. Os homens, por sua vez, são



suscetíveis a representações sexuais muito mais simplificadas, com imagens em primeiro plano de seios ou vaginas, por exemplo.

Tal divisão, conforme descrita por Auad (2003), está cristalizada em nossa sociedade, após séculos de repetição. Instâncias como a escola, a família e a mídia reforçam os papéis que a sociedade espera de mulheres e homens de maneira rígida, nunca cambiável.

Nascer homem ou nascer mulher, em nossa sociedade, cria uma identidade em oposição à do sexo oposto, negando-o. Assim, quem nasce menino deve rejeitar tudo que pode ser considerado feminino em sua personalidade e atitudes; quem nasce menina deve distanciar-se do que é considerado masculino. (AUAD, 2003, p.57)

A revista *TPM*, que em aspectos importantes rompe com idéias que trabalham mantendo estereótipos acerca da mulher, atuou, na forma com que realizou o ensaio analisado nesse artigo, de maneira alinhada justamente à construção de gênero que define que mulheres não sentiriam prazer algum com fotos mais explícitas, onde são mostrados órgãos genitais e expressões que conferem mais realismo à imagem retratada, preferindo sempre a delicadeza e a insinuação do erotismo que exhibe um corpo sempre velado, nunca escancarado.

Em verdade, outro fator relevante para o entendimento de como o ensaio fotográfico foi construído tem ligação com o público da revista, oriundo das classes A e B. Isto é, além de ser uma revista destinada às mulheres, a *TPM* é destinada a um grupo seleto de mulheres que, se ainda não se graduaram, estão estudando em uma universidade. A opção, pois, por realizar um ensaio ligado ao erotismo e não à pornografia, ancora-se na idéia defendida por Chaia (1992), de que enquanto o erotismo é mais nobre e aceito, a pornografia é grosseira e vulgar.

Comumente, em nossa sociedade, associam-se os valores de nobreza e grandiosidade a tudo que provem das camadas mais abastadas e, por conseguinte, mais letradas, enquanto o popular costuma ser associado, já de antemão, à categoria de tudo aquilo que é bizarro, vulgar e de gosto duvidoso. Nesse cenário, o erotismo está para as elites como portador de uma representação sexual de luxo, peça única e muito bem pensada, assim como a pornografia está para as massas como o kitsch⁶, a reprodução em série, exacerbada e poluída, e sempre quando observada de cima, de mau gosto.

⁶ O Kitsch é uma categoria estética que contempla não somente objetos, mas estilos de vida e aspirações que tentam alcançar uma cultura tida como superior, e, ao falharem nesse intento, produzem peças extravagantes e claramente artificiais. Ao configurar-se como a reprodução em série de objetos

5 - Considerações Finais

Nesse estudo, analisamos um ensaio fotográfico veiculado na revista feminina *TPM*. O ensaio, com o cantor Otto, fez parte de uma edição especial da revista, sobre nudez, e foi anunciado na capa da publicação. Com a análise das fotos que foram às bancas, concluímos que o ensaio está ligado à estética do erotismo, geralmente classificado como uma forma de expressão em que a sexualidade é apenas insinuada, nunca escancarada, ao contrário da pornografia, que traz consigo uma sexualidade exposta em primeiros planos de órgãos genitais, de maneira explícita.

A opção da revista em realizar um ensaio em tons conservadores, com fotografias em preto e branco, nas quais em nenhum momento são mostrados os órgãos genitais do homem retratado, faz com que, nesse quesito, a publicação, que rompe com estereótipos tão comuns em outras revistas destinadas ao público feminino, alinhe-se à idéia de que as mulheres sempre irão preferir os tons “sóbrios” e mais delicados do erótico, enquanto somente os homens têm prazer com o caráter explícito da pornografia. Além disso, o fato da revista ser lida majoritariamente por mulheres das classes A e B, com alto nível de escolaridade, parece ter influenciado nessa escolha, já que, enquanto o erotismo (e sua sexualidade velada) é aceito pela sociedade, a pornografia é encarada como sendo algo de extremo mau gosto (e totalmente inaceitável).

Como afirmamos na Introdução deste trabalho, é praticamente impossível delimitar quais serão as fronteiras fixas entre a pornografia e o erotismo, já que essa classificação é fluida e se modifica com o tempo, conforme a sociedade se modifica. Portanto, queremos salientar que a classificação das fotografias analisadas, como sendo conservadoras e eróticas, não tem, sobremaneira, a intenção de ser tomada como verdade absoluta, já que outra análise, calcada em outro pensamento, poderia classificar as mesmas fotos como pornográficas e abusivas. Entretanto, deve ser ressaltado que, a despeito da linha fluida que divide pornografia e erotismo, existe uma linha rígida, estabelecida a partir das construções de gênero, que define que mulheres irão se identificar com aquilo que for considerado erótico, e mais leve, e homens irão preferir aquelas obras que forem classificadas como pornográficas e mais agressivas.

A partir disso, reforça-se a constatação do caráter político das imagens que envolvem a sexualidade. Para muito além de um deleite pessoal do público, as diversas



imagens, filmes e produtos que têm como objetivo interagir com o desejo das pessoas se configuram como importantes ferramentas de leitura e, por que não, contestação da sociedade na qual estão inseridos.

6 - Referências Bibliográficas:

ALBERONI, Francesco. **O Erotismo**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1988.

AUAD, Daniela. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BOTTI, Mariana Meloni Vieira. **Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher**. Revista Cadernos Pagu (21) 2003: pp. 103–131. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n21/n21a06.pdf> > Acesso em 10 de maio de 2013

CHAIA, Rômulo Oliveira. **No limite do erotismo e da pornografia**. 1992. Monografia apresentada no curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora.

GOULART, Alexander. **Uma lupa sobre o jornalismo de revista**. Observatório da imprensa, 2006. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_lupa_sobre_o_jornalismo_de_revista > Acesso em 10 de maio de 2013.

OGIEN, Ruwen. **Pensar la pornografia**. Barcelona: Ed. Paidós, 2005.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **Sobre o jornalismo de revista e seu infinito singular**. In: Revista Contracampo, n 25, dez. de 2012. Niterói: Contracampo, 2012. Pags: 97-116.

Site da Editora Trip:

<http://revistatrip.uol.com.br//midiakit/2012/TpmProdutos2012.pdf>> Acesso em 26 de fevereiro de 2013.

Site da Revista TPM:

<http://revistatpm.uol.com.br/manifesto/index.php> > Acesso em 26 de fevereiro de 2013.

